

## O LITERATO E A PERDA DO HALO

Lohane Cristine de Araujo Guimarães (UERJ)

[lohanecristine@yahoo.com.br](mailto:lohanecristine@yahoo.com.br)

O período conhecido como *Belle Époque*, marcado temporalmente pela virada do século XIX para o XX na França e no Brasil tem, na Europa, Paris como o epicentro da modernidade (cidade das exposições universais e dos avanços tecnológicos, arquitetônicos, urbanísticos, artísticos e de lazer) e, no Brasil, o Rio de Janeiro. A chegada dos inventos ópticos logo afetou a escrita dos literatos e por consequência sua relação com o mercado editorial vigente indo até o que podemos chamar de perda do halo, ou seja, a perda do lugar sacrossanto ocupado por eles em virtude da profissionalização. Elementos como o cinematógrafo, os automóveis, bondes elétricos, a eletricidade, entre outros afetaram a percepção de espaço e tempo dos sujeitos. O artista, mais precisamente o escritor, precisou se adaptar às novidades que a tecnologia demandava e se enquadrar à lógica do mercado ou estava fora do jogo e isso fez com que ele perdesse seu halo, a auréola que o colocava em um lugar acima dos indivíduos comuns. Como consequência da inserção das novidades tecnológicas na escrita as crônicas de João do Rio são um excelente exemplo. A aceleração da escrita, a descrição sensorial dos espaços, a simultaneidade temporal e a descontinuidade narrativa são só algumas características importadas dos inventos ópticos que passaram a compor as crônicas desse autor. No espaço de visibilidade dessas alterações, ocupado pelo escritor, o jornal, o diálogo com o leitor fica evidente. A necessidade de diálogo e empatia com esse leitor atestam a profissionalização do escritor.

Palavras-chave: Halo. Literato. *Belle Époque*.